800 ANOS DAS OBRAS DA GUERRA MUNDIAL
Cartas resgatadas ao século XX
por Cola Meneses  \nComentar

Para as mulheres e para as namoradas. Para os pais e para os filhos. Para as famílias e amigos. Escritas na maioria por homens, mesmo que tenham sido ditadas por um coração de mulher. Correspondência trocada nos primeiros 74 anos do século passado e que uma equipe de investigadores do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa resgatou das mãos de particulares e dos arquivos para as digitalizar e as disponibilizar na internet a quem as queira compreender e nos contextos que retratam: guerra, exílio, prisão e emigração.

Muitas passaram pela censura e muitas não chegaram ao destino como aconteceu com as da I Guerra Mundial. Estas reproduzam as mais condições de vida dos militares em França, onde as tropas portuguesas marcaram presença. Item escapou a escrita de alguém que resolveu elogiar a vaga que levava para despistar o censor, e que até hoje caça a portuguesa.

As missivas da I Guerra Mundial eramidas no aportamento antes de seguir viagem e as reproduziram seram parar ao Arquivo Histórico Militar. E o período mais recuado no tempo e em que a taxa de esterilização da população é maior, abandono os erros ortográficos. A língua portuguesa e mustratada mais é uma mina para os investigadores. "Quanto menos escolarização, mais as pessoas são naturalistas", diz Rita Marquinhos, coordenadora do projeto, a quem interessa "o comportamento da língua ao longo da história". Chamaram-lhe Cartas Esquecidas (1900-1974) e está publicado em [www.jornaldecultura.pt]. Mariana Gomes, que analisou a I Guerra Mundial e a Guerra Colonial, reconhece que a correspondência na I Guerra é sobretudo "entre soldados e mães e namoradas/namorados de guerra".

"... tenho gostado de fazer contas de seu mando aquando Verees pa esta terra tenho penia do meu andar na guerra mas não lhe pôde viajar...
Dita uma mulher em Ferreira do Zêzere para o amado que está em França, em 1916. Ela responde com juras de amor e com o casamento à vista. Outros encontraram estratégias de sobrevivência, como um soldado de Lisboa confesso à mãe. 1916.
I Guerra Mundial 100 anos da I Guerra Mundial

Faixa de Gaza: Japão
Televisão media Médio Oriente
Cabeças de estrelas primárias por António José Seguro
Ânfora: Nuno Costa
Ásia Israel Espanha PS - Partido Socialista
Europa EUA e Américas música Rássia

TAGS MAIS POPULARES

I Guerra Mundial 100 anos da I Guerra Mundial
Faixa de Gaza: Japão
Televisão media Médio Oriente
Cabeças de estrelas primárias por António José Seguro
Ânfora: Nuno Costa
Ásia Israel Espanha PS - Partido Socialista
Europa EUA e Américas música Rássia
Citar à noite fui ao teatro [L] ver a Amália Rodrigues. Nunca pensei que tivesse uma aceitação tão grande aqui. Teatro esgotado. Abriu o espectáculo o grupo de guitarristas que executaram 2 peças. Eu, que me penso o mais anti-saudoside possível, não fui capaz. Ao ouvir os primeiros sons daquelas músicas a minha pele transformou-se numa pedra de gárgula. O que eu tinha era conhaque não sei, só sei que o som e o ritmo estava dentro de mim como se o ouvisse de há séculos. A correspondência dos presos políticos era obrigatoriamente escrita em papel timbrado. E muita não passava as portas da penitenciária de Casais ou de Peniche, onde se encontravam detidas estas pessoas. Como esta, enviada de Casais em agosto de 1972.

“Quem é amigo. Na noite de 28/4. adormeceram-se com um cigarro e depois deram duas injeções nas beiras do braço direito, retomei os meus sentidos cerca de 0h depois; não sei o que poderia ter dito. Em seguida a esta noite estive exposto a uma gravura horrível, representando as maiores cenas de barbaridade que se pode imaginar: onde até pensava que (...) ouvia as lamentações de familiares meus, que me asseguraram que aqui se encontram.”

São cartas entre amigos e que, provavelmente, terão parte de um grupo restrito e politizado. Mas também, aqui se nota a preocupação com os familiares. A “familiar” está em primeiro lugar. Na lista das motivações de quem escreve. logo depois vem as “condições económicas”, em todos os contextos analisados, mas é sobretudo evidente na emigração, período que colhe estudar à socióloga Leonor Tavares. A escrita preponderante no masculino, é justificada pelo fato serem “os homens que iam pressos, comitiva, se exilavam, emigravam e aprendiam a escrever”. As cartas dos emigrantes fazem sistematicamente do dinheiro, do trabalho, de poupar para a casa que se quer construir, objetivo desta vaga de homens que emigraram nos finais dos anos 60 à procura de uma vida melhor. Multas saudades e preocupações com o que se deixavam, que esqueciam a realidade de onde se encontram. Como escreve um emigrante em França, em maio de 69 para amor que ficou em Leiria.

“Amor também me mandavam dizer que eu nunca te mandava dizer nada e que a que se passava ou Amor eu sei o que se passa mas não adianta mandar-te dizer por ti deu saiu mas ainda não trouxe mais nem um para o poder estar um a fazer as vezes dele mas não quer aquelas responsabilidades por isso vão buscar vós outra vez por outro mais dizem que ele e foi lá qual como o Deus do que vai entrar ou o que querem que entre e pronto Amor e hoje e tudo não le quero entedar mais mais escreve-me as duas cartas cheias amor.”

Leonor Tavares sublinha que “parece que os portugueses no estrangeiro, ainda se sentem mais portugueses”, o que deixa à investigadora espantada, mas que não esparzaria quem já viveu fora do País. E que também, transparece no estudo em âmbito.

“O que eu tinha a ver com aquilo [Amália] não sei, só sei que o som e o ritmo estava dentro de mim...”

Artigo Parcial
O Diário de Notícias reserva-se o direito de proceder judicialmente ou de fornecer às autoridades informações que permitam a identificação de quem use as caixas de comentários em www.dn.pt para cometer ou incentivar atos considerados criminosos pela Lei Portuguesa, nomeadamente injúrias, difamações, apelo à violência, desrespeito pelos símbolos nacionais, promoção do racismo, xenofobia e homofobia ou quaisquer outros.